

A utopia da narrativa: uma interpretação do episódio da Ilha dos Amores

JÚLIO CARVALHO

Prof. de Literatura Portuguesa do
Instituto de Filosofia e Letras da UERJ

O. O discurso de OS LUSÍADAS relata acontecimentos que formam a sua História. Esta, por sua vez, desenvolve fatos que obedecem a dois planos:

- o plano histórico
- o plano mítico

O primeiro, o histórico, se desdobra em dois outros: o histórico propriamente dito (os fatos da História de Portugal) e o lendário (ex. – os 12 de Inglaterra).

Os significados dos dois planos básicos se combinam caracterizando um projeto ideológico determinante da elaboração do discurso. A ideologia do texto, explicitada em seus “ideologemas”, compreende o desejo do narrador.

Os dois planos, em todo o discurso, não se confundem mas, em função do desempenho da narrativa, se interpenetram.

A partir do desejo do narrador, o discurso se formalizará em consonância com o modelo do gênero (a epopéia); é este desejo que determina a escolha do modelo.

OS LUSÍADAS é uma *epopéia de espaço*, que, por outro lado, será um duplo:

- o espaço físico (terra e mar)
- o espaço meta-físico (o lugar dos deuses)

Os agentes dos acontecimentos, os heróis portugueses, só transitam no espaço físico, mas os personagens mitológicos participam dos dois.

A História de OS LUSÍADAS, em função das características do gênero, encaixa no sintagma narrativo acontecimentos que retirados do texto não pre-



AS NINFAS BANHAM-SE NA ILHA DOS AMORES. Quadro de A. Kostka; gravura de E. Martin. Edição Emílio Biel – Leipzig, 1880.

judicam o conhecimento da fábula, mas que são fundamentais para a interpretação que procura o “significado profundo” da obra.

1. O episódio da Ilha dos Amores.

1.1 Este, a nosso ver, é o mais importante episódio da epopéia.

Na estrutura do discurso, o episódio se desenvolve em dois cantos (IX e X), num total de 221 estrofes, sendo, portanto, o mais extenso de todos.

Fisicamente já se percebe a importância do episódio, mas na relação semiológica com o discurso, como um todo, é que se pode perceber o seu destaque.

Este episódio tem como elemento estruturalizador de sua História o “espaço” e na relação que mantém com a estrutura do texto (sua composição) significará, assim como os outros episódios, o seu sentido dentro da cadeia significativa do Discurso.

Na sua condição de elemento da cadeia significativa, tendo um significado para o próprio plano de composição, ele (o episódio) significa o momento em que a produção do texto “resolve” a sua proposta com relação ao elemento *espaço*, pois para a narrativa em si há um único espaço – o espaço narrativo. A narrativa tem como desejo “narrar” e com isso ela precisa criar o lugar de seu próprio acontecimento.

O *mar*, a *terra* e o *olimpo* são lugares fictícios, pois pertencem à História e metaforizam lugares que são na realidade o *espaço narrativo*. A narrativa acontece no acontecimento destes espaços.

1.2 A ilha, enquanto signo verbal, tem o seguinte significado: “uma porção de terra cercada de água por todos os lados”.

Por conseguinte, do ponto de vista semiológico, ela contém dois dos elementos que denotam os espaços físicos da História: *mar* e *terra*.

Este acidente geográfico não pode ser localizado nem no mapa do Plano da História, nem no mapa do Plano Mítico, mas apenas no mapa do discurso; na geografia imaginária do narrador. Nesta, ela é localizada como sendo a *Ilha dos Amores*, surgindo não de um acidente geológico, mas de um acidente narrativo por mão de Vênus.

1.3 A *Ilha dos Amores* em sua natureza contém elementos que permitem interpretá-la como a mitificação de um prazer idealmente imaginado, oniricamente possível. Ela é um Edén porque é um lugar onde os bem-aventurados, originários do espaço físico, vivem o prêmio do esforço vivido naquele, a partir de uma proposta modelada na ideologia do sobrenatural.

Os portugueses mereciam uma glorificação por terem sido, no plano da existência, qualificados por seus atos perfeitos. O amor, enquanto idéia, é manifestações da perfeição, por isso ele pode ser atribuído como prática dos qualificados. Mas, na realidade, o “prêmio” é o lugar maravilhoso, que tem, como uma de suas vantagens, a possibilidade de permitir o Amor ideal.

1.4 A ação que se desenvolve neste espaço reúne os agentes actanciais dos dois espaços, físico e metafísico, sendo que pela primeira vez os do primeiro vão se misturar aos do segundo.

A fusão (a comunhão) dos heróis dos dois planos ocorre no espaço síntese da aventura: a ilha, reunião do mar e terra. Os portugueses participam da terra e do mar e, no mito, há deuses da terra e do mar.

A síntese que restabelece na leitura a certeza da narrativa de haver um único espaço, é proposta pela História como uma comunhão que se metaforiza na prática do amor. Os personagens do espaço físico comungam com os do espaço meta-físico.

Na perspectiva da leitura, os heróis do espaço físico dominam os do espaço meta-físico, pois são sujeitos, na relação erótica imaginada, e as ninfas seus objetos, mas se a leitura não esquecer a ideologia (“transforma-se o amador na coisa amada por virtude de tanto imaginar. . .”) não há dominador, nem dominado.

1.5 Todas estas questões do Amor com manifestação da perfeição, como metáfora maior da comunhão do homem com o supremo Bem, tornam explícita uma filosofia do Amor que a ética cristã foi encontrar nas concepções de Platão, assumindo-as.

Na medida em que uma ideologia burguesa de vida operacionaliza seu discurso, eles começam a se entrecortar com o discurso da moral cristã. O choque, antes de ser crise, pode provocar uma tentativa de mediação, de síntese. Por outro lado, outros conotadores desta concepção de vida despertarão outras condições.

O intelectual deste momento, marcado pelo entrecorte (não chega a ser um choque, no sentido radical) tenta sublimar suas contradições através a fantasia.

Ele vive, ao nível do imaginário, o sonho do lugar ideal, concretamente não existente. A utopia cristaliza esta ação do imaginário por pressão das contradições ideológicas.

Conclusão.

O episódio da *Ilha dos Amores* é a mais importante seqüência narrativa de OS LUSÍADAS.

Sua configuração da História (plano físico + plano metafísico; heróis históricos + heróis míticos etc.) Mas, sobretudo, ela denuncia, ao nível da ideologia, um componente que tenta ser a síntese de uma prática burguesa de vida e uma moral cristã, pela metáfora do “lugar ideal” porque ele já contém em si a própria utopia de se querer uma síntese impossível, pois o possível seria a “acomodação ideológica”.

Para a narrativa ele soluciona a própria “visão” da narrativa, que em sua prática deseja a si mesma (narrar), bem como do que qualquer espaço para ela é apenas um espaço: o espaço narrativo.

Poderíamos, ainda, na interpretação deste episódio levantar o problema da Utopia como uma realização do discurso, o que nos levaria a retomá-lo a partir de uma Retórica.